

ANÁLISE DE MANUAIS ESCOLARES

MARIA EDUARDA VILELA *

INTRODUÇÃO

O Decreto-Lei nº 57/87 de 31 de Janeiro define o que se entende por manual escolar e regulamenta o processo de selecção dos que serão lançados no mercado. O Artº 4º-1- diz ainda que "por cada disciplina e cada ano lectivo, a comissão de apreciação escolherá até três manuais que, pelas suas qualidades científicas e pedagógicas, mereçam tal opção, incluindo os destinados a alunos com deficiências". No Artº 5º-1- diz-se a quem compete a última escolha dos manuais que serão utilizados pelo período mínimo de três anos. O Artº 10 do mesmo Decreto-Lei diz que "poderão ser utilizados além dos manuais escolares, outros instrumentos auxiliares de trabalho escolar...

que não terão de ser submetidos à apreciação da comissão...

Assim, aos conselhos escolares, aos conselhos pedagógicos e aos professores de escolas de um só lugar continuará cometida a tarefa de fazer opções acerca de instrumentos de aprendizagem. Receberam aqueles alguma informação/formação prévia para a sua tomada de decisões? Cremos que não, pelo menos como pro-

cupação sistemática e generalizada. Consideramos um bom manual como um instrumento precioso tanto para o Educador que nele terá a essência da sua mensagem, apresentada com rigor científico/pedagógico e o dispensará de elaborar documentos assaz vulneráveis para distribuir pelos alunos; como para o educando, que nele encontrará esclarecimento seguro das dúvidas que a lição lhe possa ter deixado, e estímulo para dar largas à sua curiosidade e, aprofundar o saber que está construindo. Propomo-nos por isso divulgar uma grelha de avaliação de manuais escolares que nos parece bastante completa, por atender às vertentes que consideramos mais relevantes para aquela apreciação.

Antes de o fazer, porém, não queremos deixar de apresentar algumas das nossas reflexões consequentes de vivências experienciadas. Se fizermos uma retrospectiva dos manuais escolares nas últimas 3 décadas, poderemos encontrar, como traço predominante de modificação, a redução do texto científico em favor da profusão de imagem e da cor. Outra pretensão terá sido a de construir materiais mais questionadores, mais estimulantes, mais convidativos à actuação por parte do aluno. No entanto, que nos revela a prática pedagógica? Que os alunos fazem uma

* Docente da ESE de Beja e Vogal da Comissão Instaladora

apreciação superficial sincrética das gravuras, e não lêem as legendas. Como consequência, o texto, que subentende uma análise profunda das figuras e, muitas vezes, a execução das actividades propostas na sequência da legenda, não é entendido. O estudante completamente perdido, abandona o manual e não sabe para onde se virar. Frequentemente, o professor não se apercebe deste facto e, por isso, não ajuda o aluno a ultrapassar esta dificuldade.

Para agravar a situação, a experimentação tem vindo progressivamente a ser suprimida da sala de aula, em consequência de vários factores: Redução dos tempos lectivos nalgumas disciplinas; falta de material adequado e falta de hábito, por parte de alguns professores, em substituir o material específico por objectos do quotidiano. Esta solução, pouco procurada, afigura-se-nos de extrema importância, já que esses objectos têm-nos os alunos em suas próprias casas, o que lhes permitirá repetir a experiência, reponderando-a e aprendendo mais profundamente. Frequentemente temos ouvido crianças do 1º ciclo a quem situações foram propostas, através dos nossos alunos em Prática Pedagógica, exclamar: 'Vou repetir esta experiência lá em casa!'

Certamente que os manuais que agora vão ser postos à disposição dos professores serão mais cuidados e portanto muito mais eficientes, mas outros livros estarão à disposição de docentes e discentes o que nos permite admitir ainda alguma utilidade e oportunidade para o documento adaptado de "SCIENCING" CAIN & EVANS - 2ª Edição que passamos a apresentar.

ANÁLISE DE MANUAIS ESCOLARES

Objectivo Geral - Adquirir competência para avaliar manuais para o Ensino Básico.

Objectivos Específicos

- 1 - Avaliar manuais para o Ensino Básico utilizando os critérios apresentados.
- 2 - Listar, justificando, qualidades e deficiências em manuais utilizados no Ensino Básico
- 3 - Utilizar manuais escolares com eficácia.

FUNDAMENTAÇÃO

Os manuais escolares sofreram uma evolução como consequência dos estudos feitos no domínio da aprendizagem. Especialmente os trabalhos realizados por Piaget, Bruner e Gagné mostraram a importância da experiência para o desenvolvimento do pensamento concreto, essencial para as fases subsequentes. Assim os manuais deixaram progressivamente de ser "livros de leitura" sobre os diferentes domínios do saber, para passarem a incluir actividades conducentes ao desenvolvimento do aluno na abordagem dos conceitos.

Vejamos algumas vantagens de um bom livro de texto:

1 - Um bom manual é um excelente auxiliar no processo de ensino aprendizagem. É um recurso para o professor, proporcionando-lhe material factual, experiências, demonstrações, ilustrações, bem como sugestões para o processo de ensino. Aos alunos, fornece informação acerca de tópicos ou assuntos específicos, sugere actividades ou experiências e apresenta ilustrações por vezes difíceis de obter de outro modo.

2 - Um bom manual, pelas razões acima apontadas, é especialmente importante para o professor em início de carreira: Dá-lhe segurança quanto ao que deve ser ensinado e directrizes para a condução da aprendizagem.

Há, no entanto, alguns "pontos fracos" inerentes à maioria dos manuais que devem ser considerados a fim de poderem ser ultrapassados:

1 - A linguagem utilizada está, muitas vezes, acima ou abaixo do ano escolar em que se situa a criança que os utiliza. Se a criança não pode ler, ou compreender o que lê, é evidente que não obtém nada do livro...

2 - Muitos professores utilizam o manual como única fonte de Informação. Contudo, um manual não pode incluir tudo o que o aluno precisa ou deseja saber acerca de determinado assunto.

3 - Muitos manuais estão estruturados para ser lidos: Substituem experiências concretas pela sua descrição. Este é um "ponto fraco" muito grave, se tivermos em consideração os trabalhos de Piaget, Bruner e Gagné. Os professores devem envolver os alunos em actividades relacionadas com o que lêem. As crianças com dificuldades na leitura serão grandemente penalizadas se o seu dia escolar for baseado no que consta no manual.

4 - Muitos manuais apresentam actividades e ilustrações, passo a passo, do princípio ao fim. A criança segue-as do princípio ao fim, encontra a resposta e não tem qualquer oportunidade de questionar, dar sugestões, ou descobrir. Assim, o aluno é apenas um receptor passivo e não um aprendiz activamente envolvido.

5 - A sequência de manuais do 1º ao 4º anos de escolaridade, cria outro problema curricular: a colocação adequada ao nível etário, dos diferentes conceitos ou princípios. É a escola que deve decidir qual o manual que melhor satisfaz os requisitos que definiu em concordância com a realidade que enfrenta.

6 - Os manuais desactualizam-se. Embora os editores façam revisões periódicas e lancem novas edições em concordância com os programas nem sempre actualizam os conceitos. Obviamente isto

não ajuda o professor.

O manual deve ser, pois, um recurso que fornece informação de base, tópicos de discussão, demonstração ou experimentação e verificação de seus resultados. O manual deve ser um "parceiro" do professor do qual este não é estritamente dependente. O professor não deve recuar a organização de material suplementar ou mesmo modificar os materiais do manual de modo a conseguir os seus objectivos.

Que fazer para rever ou avaliar um manual?

Consideram-se 9 tópicos de referência e reflexão:

1 - Autores e Editores:

Quem escreveu e publicou o manual?
Quais são as credenciais do autor? É a sua primeira publicação, ou escreveu outras obras?

Qual a data de publicação?

É um manual novo, ou uma reedição?

2 - Apresentação

O papel e a encadernação são duráveis?
As ilustrações, o colorido, a forma e o tamanho são adequadas?

3 - Ilustrações

As fotografias são correntes ou datadas?
Forçadas ou realistas?

Estão bem colocadas em relação ao texto?
São meramente decorativas ou auxiliam a compreensão?

Estimulam o desejo de saber mais acerca do assunto ou favorecem uma evasão do tema?

4 - Legibilidade

O tamanho e tipo de letra permite uma leitura fácil?

O desenvolvimento do texto faz-se numa sequência lógica ou tergiversa?

O texto é adequado ao nível etário da criança que vai utilizá-lo?

5 - Conteúdo

Está cientificamente correcto?
 A informação não é obsoleta?
 Está adequado ao nível etário da criança a que se destina?
 As analogias são adequadas?
 O conteúdo está organizado numa sequência lógica?
 É fácil encontrar o tema central?
 Há referência a outras culturas?
 Como são tratadas as questões controversas? O livro ignora a controvérsia ou apresenta-a para discussão?

6 - Apresentação dos conteúdos

É fácil identificar a estratégia de ensino?
 Que tipo de perguntas são feitas ao aluno?
 Apela apenas à memória ou estimulam outras perguntas?
 Com são os estudantes envolvidos na aprendizagem?
 As actividades são desenvolvidas pelos alunos ou apresentadas pelo professor?
 É-lhe dada liberdade ou o processo é altamente estruturado?

7 - Matemática

O livro discute ou usa a matemática?
 Que aptidões matemáticas são necessárias para desenvolver as actividades de ciências?

8 - Auxiliares de ensino

O manual auxilia-o/a eficazmente?
 Sente-se confiante no uso das sugestões propostas?
 São dadas as referências necessárias?
 O manual sugere filmes, gravações ou sequências de imagens que possam complementá-lo?

9 - Avaliação

O manual contém sugestões para a avaliação dos progressos do aluno no trabalho escolar?

Como poderá saber se o aluno atingiu, ou não os objectivos previstos?

O manual contém sugestões sobre o desenvolvimento do programa?
 O manual sugere questões de avaliação ou técnicas de avaliação, ou simplesmente refere uma avaliação informal?

Possui agora alguma informação que poderá ajudá-lo a apreciar um manual. Certamente haverá outras considerações que vai incluir na sua apreciação e que reflectem as suas preocupações e preconceitos pessoais. É por isso que as pessoas, utilizando os mesmos critérios, avaliam diferentemente o mesmo manual. A apreciação final e a decisão da adequação de qualquer manual é fruto de uma opinião pessoal.

Para avaliar o seu manual utilizando os critérios propostos, pode utilizar a seguinte escala:

ESCALA DE AVALIAÇÃO

- 0 - Manual em que o critério não é nunca considerado.
- 1 - O critério é considerado.
- 2 - O critério é considerado mas abaixo da média.
- 3 - O critério é considerado com frequência.
- 4 - O critério é bem considerado.
- 5 - O critério é considerado excelentemente.

TABELA DE AVALIAÇÃO

NOME DO MANUAL _____

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	1	2	3	4	5
I- ASPECTO					
1- Atraente para as crianças					
2- Tipo de letra e espaçamento adequados.					
3- Tamanho adequado ao manuseamento.					
4- Material de encadernação durável.					
5- Papel de boa qualidade					

II- ILUSTRAÇÕES

1- Complementam e dão significado ao texto.					
2- Interessantes e cientificamente correctas.					
3- Nítidas e correctamente colocadas no texto.					
4- Colocadas próximo do texto que ilustram.					
5- Adequadas ao ano de escolaridade a que se destinam.					
6- Claras na sua intenção.					

III- LEGIBILIDADE

1- Nível de leitura adequado às crianças que vão utilizar o manual.					
2- As crianças compreendem facilmente o texto.					
3- Tipo de letra e estilo de fácil leitura.					

V- APRESENTAÇÃO DA MATÉRIA

1- Estratégia claramente definida.					
2- Proporciona a discussão em classe,					
3- Utiliza o questionamento convergente e divergente.					
4- Encoraja a experimentação.					
5- A matéria é apresentada de modo atraente.					

VI- MATEMÁTICA

1- Inclui/a matemática na actividade e experimentação.					
2- Dá sugestões para a utilização da matemática.					

VII- GUIA DO PROFESSOR

1- Sugere actividades alternativas.					
2- Dá informação de base para a utilização eficaz do manual.					
3- Sugere auxiliares de ensino, jogos, etc.					
4- Lista recursos (textos, audio-visuais, etc.).					
5- Sugere actividades de remediação e/ou enriquecimento.					
6- Sugere várias técnicas de avaliação.					
7- Proporciona ajuda para o planeamento e implementação.					

IV- CONTEÚDO

1- Desenvolve a capacidade de resolução de problemas:					
2- Cientificamente correcto e actualizado.					
3- Adequado ao nível de desenvolvimento das crianças a que se destina.					
4- Apresenta analogias e actividades adequadas.					
5- Apresenta uma sequência lógica.					
6- Desenvolve atitudes positivas para com a ciência.					
7- Os textos estimulam o interesse e conduzem a investigações ulteriores.					
8- Atende a diferentes níveis de capacidades (crianças com problemas de leitura; crianças sobredotadas).					
9- Conteúdo científico bem equilibrado.					
10- Tema central claramente definido.					
11- Isento de antropomorfismo, teleologia e personificação.					
12- Índice e tábua de conteúdos bem organizados.					
13- Glossário de termos científicos com significação clara.					
14- Sugestões para o desenvolvimento de temas controversos.					

BIBLIOGRAFIA

BRUNER, Jeromes - *Toward a Theory of Instruction*; Harvard University Press, 1967.

GAGNÉ, Robert M. - *The conditions of Learning*; Newyork: Holt, Rinhart and Winston, 1965.

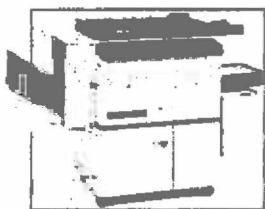
PIAGET, Jean - *Six Psychological Studies*; Newyork : Random House, Vintage Books, 1968.

UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA

Você



Garantia de um negócio seguro



Nashua



CASIO



International

ESTAMOS ONDE FOR PRECISO

Largo dos Mercadores, 2 - Telef. (066) 27243 - Fax 27243 - 7000 ÉVORA